

A Morfologia dos Livros

Eduardo Jorge Esperança

p. 49-53

[Résumé](#) [Index](#) [Texte](#) [Bibliographie](#) [Notes](#) [Auteur](#)

Résumé

Esta reflexão é a de um utilizador não especialista em bibliotecas, acerca do presente e dos futuros possíveis do trabalho do bibliotecário. Ao mesmo tempo, é uma reflexão sobre o modo como a técnica invade o espaço tradicional da biblioteca e ameaça, do mesmo modo como o fez a outras profissões muito recentemente, o lugar tradicional do bibliotecário no trabalho de acesso à leitura e informação.

Entrées d'index

Palavras-chave :

[bibliotecário](#), [leitura](#), [acesso](#), [tecnologias](#)

Texte intégral

- 1 URL: [http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/biografo-%E2%80%98quis-combater-o-mito-de \(...\)](http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/biografo-%E2%80%98quis-combater-o-mito-de (...))

«A vida de Borges é tão interessante quanto a sua literatura?»

Claro que não. A sua obra é muitíssimo mais interessante. Mas creio que a vida se torna interessante quando intimamente ligada com a obra. As pronunciadas preocupações metafísicas e intelectuais de Borges contribuíram para a criação da lenda – às vezes promovida pelo próprio escritor depois de se tornar famoso – de Borges como um homem sem vida: um manso bibliófilo distraído que vivia ensimesmado, quase fora do tempo, encerrado em uma «biblioteca total». Eu quis combater esse mito de Borges como um homem sem vida.», Maria Carolina Maia entrevista Edwin Williamson, professor de Espanhol de Oxford, autor de «Borges: Uma Vida», a biografia de Borges, na Companhia das Letras, tradução de Pedro Maia Soares, 672 páginas.¹

¹Fiquei agora a saber, muito depois de o ter lido e entrevistado, no início dos anos 80, para o «Jornal de Letras», que todo o mundo de Borges, incluindo a biblioteca, está directa ou indirectamente ligado a um desgosto de amor ocorrido na juventude.

²Antes de falar de bibliotecas, é preciso falar de pessoas; e a primeira que me aparece é o bibliotecário frente ao potencial leitor.

³O que nos ocorre é, desde logo, a imagem tradicional do funcionário que regista os empréstimos e ocasionalmente indica a localização da obra.... Mas, esqueçam, esse já se reformou.

4A literatura formativa apresenta-nos um bibliotecário com dois perfis essenciais:

1. terapeuta;
2. protésico.

5O primeiro «receita» livros para o bem-estar do leitor.

6O segundo encontra livros que possam constituir próteses para o leitor.

7A ficção dos séculos XX e XXI é rica em enredos onde estas personagens aparecem em papel de destaque. Aproximam-se e até podem não ser tão difíceis de encontrar, apesar de também os bibliotecários lerem cada vez menos.

8Mesmo assim, conheço um.

9Estas personagens simpáticas estão também elas em via de serem reformadas.

10A concorrência chama-se «*Semantic web*» e «*peer counselling*». Isto porque tudo vai acontecer *online* e tudo vai chegar ao *tablet*...onde quer que ele esteja.

11Mas já lá voltamos.

- 2 Mais tarde, já no fim dos anos 80 - era na altura colaborador da Cinemateca Portuguesa - lembro-me ([...](#))

12Há uns anos, algumas bibliotecas escolares foram re-baptizadas e chamaram-lhes «centro de recursos». A imagem estava a ocupar cada vez mais espaço no universo didáctico e alguém achou que os filmes e os vídeos deviam estar acessíveis ao lado dos livros. E assim ficaram por pelo menos duas décadas. Deparei-me com isso muito novo, tinha acabado de chegar de África e fugia de Portugal, com paragem por Paris. Havia acabado de ser edificado o Centro Beaubourg/Pompidou (1977) e, ao lado de milhares de livros, havia milhares de cassetes vídeo do tamanho de livros grandes, com documentários sobre tudo e mais alguma coisa, e acesso livre: era só ir ao catálogo, procurar a cassete nas estantes e colocá-la no leitor. Passei horas a ver, num televisor, documentos sobre a guerra que tinha acabado de deixar em África uns meses antes. Na prática, estava a tirar as dúvidas sobre problemas para os quais os poderes saltitantes em Portugal se estavam "nas tintas". Este foi para mim o primeiro sinal de que iriam surgir mudanças no universo do «papel pintado».²

Os Universos da Informação

13Começa a esfumar-se todo o universo romântico e pessoal do contacto com o papel e o livro. Emerge essa expressão ao mesmo tempo seca e demiúrgica: «informação». O monopólio do papel esfuma-se com o aparecimento do computador pessoal e, posteriormente, da WEB. Quem quer que se encontre frente a tarefas próximas desta área, não pode fugir a dois chavões:

- tratamento da informação;
- disponibilização da informação.

14 Questão central aqui é que a desmaterialização da informação desloca quase todas estas tarefas para o campo da programação e do algoritmo - o tratamento estandardizado da informação e posterior disponibilização. Isto leva a uma cada vez maior redução dos recursos humanos que, a partir de certa altura, descobrem que pouco mais fazem que monitorizar o equipamento de acesso *online*.

- 3 Quando leio a última entrevista de Borges, lembro-me do meu pai, que tinha com a fotografia a mesma (...)

15 O problema com que as bibliotecas e os bibliotecários se deparam hoje foi, mais rápida e arrasadoramente, o enfrentado pelos fotógrafos tradicionais. Sei disso porque tinha um em casa; faleceu sem saber exactamente o que estava e viria a acontecer.³ A fotografia digital subtraía ao fotógrafo a sua arte e o seu trabalho e entregava-os ao computador e ao produtor de *software*. Pior que isso, transformava todo e qualquer amador em potencial concorrente. A arte da fotografia transferia-se toda para o tratamento da imagem (em *photoshop*, por exemplo). Falo disto porque há imensas semelhanças nesta transformação, nomeadamente no modo como o trabalho de selecção e catalogação do bibliotecário é suplantado pelo algoritmo e a base de dados pré-indexada.

16 Frequentemente, em particular nas aulas de metodologia, sinto-me forçado a explicar aos alunos como era o trabalho de encontrar informação em papel, antes do *google* - o que isso tinha de bom e de mau. Digo «sinto-me forçado» porque eles não fazem a mínima ideia do que era antes de aparecer esse «génio da lâmpada» que oferece toneladas de informação com um simples «click».

17 Por isto e por outras razões em que a tecnologia se torna omnipresente, há variáveis que têm de ser colocadas, sob pena de trabalharmos no vazio.

18 Coloquemos a primeira hipótese: E se os leitores desaparecerem? Pelo menos no modo como os conhecemos ainda hoje - pessoas que se deslocam à biblioteca para solicitar o papel que suporta a informação de que necessitam. Visto sob este ponto de vista, a própria biblioteca enquanto espaço físico começa a colocar problemas no século XXI; que necessidade tenho de me vestir, deslocar à loja do Sr. Antunes, pedir-lhe os produtos de que necessito, voltar carregado para casa, subir ao 3º andar com aquele peso, para que preciso eu de fazer tudo isto se já lá tenho um terminal que, com meia dúzia de toques, me faz aparecer - materializar - em casa, tudo aquilo de que necessito?

19 Queira-se ou não, a questão deve ser equacionada. Por outro lado, a omnipresença da imagem e do som «adormece» a capacidade e a vontade de leitura. Por isso nos queixamo de que os jovens não lêem nada a não ser *sms* e mensagens de *chat* no *Facebook*.

20 Então, que nova roupa deve a informação vestir para voltar a ser consumida? Deve vestir nova roupa para ter audiência?

21 Até que ponto... por mais que isso nos faça «espécie»... o *youtube* não é hoje, por excelência, a nova biblioteca? Perguntem a um aluno onde é que ele vai imediatamente quando quer saber algo de concreto sobre - «como se faz?»

22 Isto é já o presente, como o são os livros em áudio - também no *youtube* - sucedâneo da actual in-capacidade e adormecimento da leitura. Convém perceber que a leitura em que as gerações mais velhas se treinaram é razoavelmente exigente; exige atenção, focalização, concentração, bloqueio de toda e qualquer outra actividade mesmo que periférica. O contexto de crescimento dos jovens na actualidade é completamente anti-leitura ou qualquer actividade com esta exigência. As solicitações são tais e a sua presença tão constante que praticamente impossibilitam uma actividade assim. Eles não nascem hiperactivos, nascem num contexto social e material de solicitação permanente; olha para aqui, vê isto, toma atenção, não queres isto? Já viste aquilo? Gostas de mim? Vai lá agora! Vem ver o que chegou!

23 Não lêem e não pensam, não têm tempo. Nem Orwell nem Huxley haviam previsto isto desta maneira.

Alternativas de suporte

24 Em muitos *sites*, particularmente em inglês, o potencial leitor pode já escolher entre ler e ouvir a informação que consulta. Esperar-se-ia que o bibliotecário actual pudesse, na generalidade, propor ao potencial leitor: - quer ler, ouvir ou ver?

25 Quanto ao ouvir, chamo a atenção para as suas vantagens e maior difusão nos grandes mercados livreiros - é que o ouvir não interfere com outras actividades que se podem ir realizando ao mesmo tempo: conduzir, fazer o jantar, passar a ferro, etc. As tecnologias estão disponíveis há muito, mas pouco são utilizadas; contudo basta um leitor especial de mp3.

26 O tempo está em processo de aceleração: em 10 anos, a cultura e as pessoas mudam tanto como antes teriam mudado em 100 anos. Quem tiver capacidade e se recusar a entender isto, deve assumir responsabilidades sobre o ensandecimento neste campo.

27 Pergunto, quantos alunos do secundário têm ainda capacidade de entender Gil Vicente no original?... ou entender o Galaico-Português do início da fundação de Portugal? Quantos conseguem ainda ler hoje os romances de D. Dinis? Ler, não é apenas entender a forma, é perceber de que estão os autores a falar... Bocage pode ter "piada" lido literalmente, mas torna-se imperceptível para quem não o integre no respectivo contexto histórico, e não foi assim há tanto tempo!

28 "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"... dizia o poeta que lia com um só olho.

29 O problema da leitura focalizado na cristalização da substancialidade da forma - a leitura do livro de papel - deve rapidamente deixar de constituir problema. O livro, enquanto conversa com o autor, aparece já em vários suportes; deixai-o aparecer.

30 Uma conclusão. Estão a mudar-se as vontades de ler livros.

31 Sou pessimista na análise, mas não tanto na esperança. Não espero que as próximas gerações voltem a ler como as anteriores, mas que o acesso à informação encontre outro caminho, com outros problemas, mas outro caminho.

Bibliographie

BROCKES, E. - Libraries today are as fast as and more generous than any online bookshop. Disponível em <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/dec/17/libraries-online-bookshop-new-york-public-library>

CULLY, C.F - 5 Good Reasons to Take Your Kids to the Library Today. Disponível em http://www.huffingtonpost.com/christine-french-cully/five-good-reasons-to-take_b_5134342.html

RAINIE, L. [et al]- The rise of e-reading. Disponível em <http://libraries.pewinternet.org/2012/04/04/the-rise-of-e-reading>

Notes

1 URL: <http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/entrevista/biografo-%E2%80%98quis-combater-o-mito-de-borges-como-um-homem-sem-vida%E2%80%99/>

2 Mais tarde, já no fim dos anos 80 - era na altura colaborador da Cinemateca Portuguesa - lembro-me do fascínio de ver um documentário sobre uma videoteca japonesa em que se mostravam os mecanismos electrónicos que transportavam as cassetes do armazém para os leitores de vídeo sem os utilizadores tocarem nas mesmas. Pouco tempo depois, observei o mesmo directamente na videoteca de Paris e esperei, sem hipótese, o mesmo acontecer em Portugal. Até que chegou o *Youtube*.

3 Quando leio a última entrevista de Borges, lembro-me do meu pai, que tinha com a fotografia a mesma relação que Borges tinha com os livros: «Das leituras da infância, o que mais lhe impressionou? «As Mil e Uma Noites». Livros de diferentes épocas da vida de Kipling, que comecei a ler quando criança. Sempre gostei muito dos atlas e das enciclopédias. Curiosamente, continuo a comprar livros. Não posso lê-los. Aqui tenho, por exemplo, uma excelente enciclopédia italiana, a Garzanti, tenho duas edições da Brockhaus, alemã, e uma edição da Britânica. Gosto muito. Acho que é a melhor leitura para um homem ocioso e curioso como eu. Infelizmente perdi a vista. Se eu a recuperasse, não sairia desta casa. Ficaria lendo os muito livros que estão aqui, tão perto e tão longe de mim. Mas perdi a vista. Diversos países me convidam para dar conferências. Vou agora à Califórnia, à Nova York e depois à Roma. Depois volto à Roma no fim do ano para falar de meus livros. Continuo a escrever. Que mais posso fazer? É que não gosto do que escrevo. Nesta casa não encontrará um só livro meu. Por que quem sou para ficar ao lado de Euclides da Cunha, Camões ou com Montaigne? Não sou ninguém! Continuo a adquirir livros porque gosto de estar rodeado por eles. Como quando era menino, já que minhas primeiras lembranças são de livros e acho que minhas últimas o serão também. Quanto à minha memória, a única coisa que consigo lembrar são citações, mas, dos fatos de minha vida, me esqueci. As datas, não me lembro de nenhuma. Tenho lembranças de meus pais a quem adorava, dos meus amigos. Agora meus amigos estão embaixo da terra.» URL: <http://www.revistabula.com/533-a-ultima-entrevista-de-jorge-luis-borges/>

Auteur

Eduardo Jorge Esperança

Docente na Universidade de Évora, Departamento de Sociologia, eje@uevora.pt